



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44752>

Inumanidade no humano: sobre as oportunidades para a perversão

Inhumanity in the human: on the opportunities for perversion

Inhumanidad en lo humano: sobre las oportunidades de perversión

Gisálio Cerqueira Filho

Universidade Federal Fluminense

Resumo Reflexão sobre o momento peculiar no Brasil, talvez do mundo, motivado pela pandemia covid-19 e a circunstância planetária de confusão, interrogação, que desnuda as contradições e ambivalências entre o pensar, o agir e o sentir. Este momento tem acarretado uma super presença de emoções extravagantes e sentimentos que deixam vazar um momento histórico em que o velho não morreu e o novo ainda não nasceu; atraindo novas questões implicadas na perversão.

Palavras-chave: inumanidade, perversão, novas tecnologias, representante-representação.



Abstract Reflection on the peculiar moment in Brazil, perhaps in the world, caused by the Covid-19 pandemic and the planetary circumstance of confusion, questioning, which lays bare the contradictions and ambivalences between thinking, acting and feeling. This moment has led to a super-presence of extravagant emotions and feelings that leak a historical moment in which the old has not died and the new has not yet been born; attracting new questions implicated in perversion.

Keywords: inhumanity, perversion, new technologies, representative-representation.

Resumen Reflexión sobre el momento peculiar de Brasil, tal vez del mundo, motivado por la pandemia del Covid-19 y la circunstancia planetaria de confusión, cuestionamiento, que desnuda las contradicciones y ambivalencias entre pensar, actuar y sentir. Este momento ha llevado a una superpresencia de emociones y sentimientos extravagantes que se filtran en un momento histórico en el que lo viejo no ha muerto y lo nuevo aún no ha nacido; atrayendo nuevas preguntas implicadas en la perversión.

Palabras clave: inhumanidad, perversión, nuevas tecnologías, representación-representación.

Recebido em 24-05-2023

Modificado em 08-01-2023

Aceito para publicação em 11-02-2024

“Me dá a sua tristeza, que lhe dou minha alegria”.

Introdução

A poesia “Canção da Despedida”, de Fernando Diniz, abre esse nosso ensaio:

Saudosamente me despeço de vocês
Porque eu não volto, vou de vez,
Para onde, ainda não sei.
Longe de tudo, de um amor, de uma beldade
Que eu penso ter gostado de mim sem confessar
Mas não consigo ficar nessa incerteza
Embebido numa tal tristeza
E uma tal situação
Por isso mesmo eu vou indo pelos mares
Em busca de novos ares
E de um novo coração.

O poeta e pintor Fernando Diniz, durante vários anos interno no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro (R. J.) onde, com saber e emoção, atuava a Dra. Nise da Silveira, liderança ímpar na Psicanálise. Conquistou o Rio de Janeiro, o Brasil e o mundo, mas também através de seus colegas pacientes. Um deles o notável artista Fernando Diniz. Sem falar em D. Ivone Lara, uma das que lá trabalhou e tornou-se exímia cantora.

O poema acima narra os momentos em que uma cuidadora enfermeira que há muito acompanhava F. Diniz declara-lhe que havia chegado o momento de sair do Hospital e que ela não mais o acompanharia. Precisava trabalhar em outros lugares para ganhar mais, entre outras razões; foi o que disse ao paciente. Com perfil levemente asiático, se assim se pode dizer, marcou a personalidade de Diniz.

O poema mais que subscreve a sua força íntima, ancorada na solidariedade humanista que se realizou através da arte da literatura, poesia, pintura, etc. Enfim a arte, ou seja, a estética com os companheiros do “Engenho de Dentro”. Queremos abordar o “inumano que persevera no humano” a partir de convite da Profa. Dra. Márcia Barros Ferreira Rodrigues para um debate no *Colóquio Ciências Sociais & Psicanálise: fronteiras e litorais no mal-estar contemporâneo* e logo esse artigo foi para a Revista Simbiótica (UFES, Brasil). Assim, minha fala, no referido colóquio, foi redimensionada e levemente expandida, gerando esse texto impresso.

Vamos tomar para referência o (re)conhecido pensador italiano Antônio Gramsci. Embora hoje bastante famoso e conhecido, isto só veio a ocorrer quando Paris o acolheu e deu atenção às suas cartas e escritos... Dizia que quando vivemos a circunstância que então era a que ele vivia - “quando o velho ainda não morreu e o novo não nasceu - estão criadas as condições para todo tipo de perversão”. Isto, a despeito do que já se havia escrito sobre a perversão propriamente dita e desde os estudos, cartas trocadas e mesmo

livros de Sigmund Freud e outros eminentes psiquiatras, neurologistas e psicanalistas. De uma forma bem simples Gramsci localizou grandes questões nas ambivalências e contradições entre o **pensar**, o **sentir** e o **agir**. Ao alcance de qualquer pessoa, não era muito difícil colher uma tal observação: a de que podemos pensar de um jeito, agir de uma outra forma (colidindo com o pensar), (como Karl Marx já vinha demonstrando) e sobretudo sentir de uma forma antagônica aquilo que supomos ser o nosso pensamento.

Embora fosse bastante comum à busca de uma coerência entre o que se pensava com o que se sentia e, por fim, com aquilo que se realizava de fato, eventuais desgarramentos frequentemente levava o indivíduo (o Eu) a constantes momentos de desistência, pessimismo, desesperança, até melancolia ou luto; em casos mais graves o suicídio ou assassinatos...

Para muitos, as perversões veem “a cavalo”, ou seja, montadas num desnorteamento ímpar onde tanto o autoritarismo afetivo quanto os representantes das representações vinham também associados. Nesse caso, a ideologia deve ser devidamente estudada e ser acompanhada das análises de conjuntura (política). Para uma sugestão de leitura, veja-se, do próprio autor deste artigo, a sua tese doutoral (Cerqueira Filho, 1982).¹ Todavia, se porventura o leitor quiser fazer um *approach* no campo psicanalítico propriamente dito, sugiro a revisão interessante acerca do “narcisismo”, melhor seria dizer narcisismos.

Gostaria de sugerir ainda um “causo” que aconteceu comigo precisamente no dia 28 de outubro de 1971. Eu dava uma aula matutina no colégio Marista, quando por volta das 10 horas, concluí no quadro negro uma estatística sobre a concentração da propriedade agrária no Brasil, pois que a disciplina era de “Ciências Sociais”, referida à concentração da terra em nosso país.

De guarda-pó branco, para não me sujar de giz, eu visitava as ideias de Celso Furtado sobre esta temática... Repentinamente recebo uma chamada telefônica na secretaria da escola, quando o secretário me aparece repetindo a palavra “urgente” e aos berros “Professor Gisálio! é urgente... urgentíssimo”... Saí em desabalada corrida e recebo a notícia de minha mulher que me comunicava que estava entrando em trabalho de parto... Voltei à turma para dar a notícia e meu nervosismo se espelhava no “quadro-negro”. Um aluno, também ele, gritava: professor não é a concentração da terra, da propriedade agrária, o problema do Brasil?! É que o senhor escreveu **contração** em lugar de concentração... E assim foi o dia, tendo meu primeiro filho nascido na virada daquela madrugada em 29/10/1971. É como se eu transformasse a concentração agrária em contração, a bem dizer as contrações da mulher quando o bebê está já para nascer. Dito e feito. A questão social da desigualdade no campo demarcava o seu lugar.

Meu primeiro filho nasceu na Clínica João XXIII, já não mais existente, em Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. A expressão ‘contração’ espelhará os meus sentimentos e eu me preocupava com o nascimento prestes a ocorrer de meu filho que terá o nome Henrique, uma dupla homenagem ao meu avô paterno e a um professor do Instituto de Teologia do Recife, brutalmente assassinado no campus da UFPe (Recife). Era parceiro de D. Helder Câmara e professor no Colégio Marista, de Recife.

¹ Defendida em 1980 e depois publicada sob a forma de livro.

Retomo a conjuntura presente, mormente no plano internacional, com a hipótese de eventual flerte do capitalismo hegemônico, não só com as novas forças produtivas e tecnológicas, especialmente na indústria de fármacos, comunicações robóticas mas com os restos que ficaram do fascismo e do nazismo, os quais sonham com uma espécie de renascer com vigor autoritário que abraça o armamentismo mundial, mantendo uma submissão política hobbesiana e uma intensa pobreza e desigualdade social em escala mundial.

Muitos pensadores liberais e pouco tempo após o fim do muro de Berlim, ainda recorrem à recuperação da Alemanha capitalista (Ocidental) com Hjalmar Schacht como um “milagre” de reconstrução da economia, saudada por Pinochet & sua turma e logo com os economistas de Chicago. Hjalmar Horace Greeley Schacht (Tinglev, 22 de janeiro de 1877 - Munique, 4 de junho de 1970) foi um político e banqueiro alemão. Schacht foi um financista na primeira década do século XX; foi mais que um apoiador do nazismo, financiou-o... Em agosto de 1934 Adolf Hitler nomeou-o ministro da Economia. Deixou sua marca com obras públicas de grande importância e as famosas estradas (*autobahn*) que deram fama ao nazismo, além de aliviar o desemprego. Em 1937 renunciou ao cargo, mas ficou recebendo o mesmo salário. Qualquer semelhança não é mera coincidência. Desentendeu-se com Goering; acabou julgado em Nuremberg por crimes contra a paz e conspiração. Entretanto, escapou de ser condenado por crimes contra a humanidade... Seus defensores disseram que era apenas um patriota querendo levantar a economia. Sua condenação levou-o a prestar serviços em um antigo campo de concentração (*Ludwigsburg*), tendo sido libertado aos 71 anos em setembro de 1948.

É evidente que estamos vendo uma simultânea mudança no Planeta. Não foi só a questão do covid-19 a ceifar vidas e vidas, mas o fato coincidir com um forte movimento de direita que abre o jogo contra a democracia, e no pacote se coloca contra a ciência, adotando o chamado “terraplanismo”, vários tipos de seitas e grupos religiosos radicais, contra os direitos humanos dos mais pobres, os imigrantes, pretos, humanos de outras etnias, dando apoio às guerras e não à paz; aconchegando-se no ódio, na violência e outras variadas aberrações que podem certamente ser também apreciadas pela janela da perversão, por exemplo, nos estudos Sigmund Freud e nos atos perversos concretos.

Ilse Grubrich Simitis nos oferece uma dupla entrada. A nossa preocupação maior estará direcionada pelo conceito heurístico alemão *unheimlich*, cuja tradução de Paulo Cesar de Souza é “estranho e inquietante”. E neste ponto difere um pouco da tradução mais antiga e conhecida entre nós, quase o oposto: para quem “*heimlich*”, significaria “familiar”.

Para Freud que primeiramente usa a palavra *unheimlich* que acontece com certa frequência na fala que os neuróticos de sexo masculino declaram... “que sentem algo muito estranho no órgão genital feminino”.

Esse lugar “*unheimlich*” (estranhamente inquietante), na tradução para o “português brasileiro”, como diz Paulo César de Souza, que inicialmente pode ser pensado inadvertidamente como lugar físico do corpo feminino, logo vai demonstrar seu lugar analítico na teoria psicanalítica e nos primeiros escritos de Freud refletindo sobre

conflito e cultura, quando “em 1951 a Biblioteca do Congresso dos EUA (*USA Congress*) chegou a um acordo com os *Sigmund Archives* na cidade de *New York*. Chegaram na Biblioteca manuscritos novos, cópias de texto, fotocópias, depoimentos orais, entrevistas, material impresso. No final de 1984 eles chegavam de mais de 30.000 itens”. Hoje, diz o prefaciador, ultrapassa em muito os 112 milhões de itens de diversos formatos.

Vemos assim que o pensamento de Freud, seja na teoria, no método ou na clínica dependem evidentemente dos historiadores, ao menos em parte, para guardarmos a fidelidade ao criador da Psicanálise, pois que estava se constituindo a nova disciplina da Arqueologia.

De certo modo a expressão *humheimlich*, no sentido de estranho inquietante, nos faz retornar ao antigo (*heim*), lar, de tod@s os seres humanos para o lugar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio. Há um gracejo que diz: “o amor é a nostalgia da casa” e os seres humanos sonham com um lugar, um país, dizendo para si mesmo(a) enquanto está sonhando: “este lugar me é familiar, estive aqui antes”. Podemos interpretar o lugar como sendo os genitais da sua mãe ou do seu corpo. Nesse caso, o *unheimlich* é o que uma vez foi *heimlich* (o familiar). O prefixo *un* seria o sinal do recálque.

A já citada Ilse Grubrich Simitis (2000) chama de “química silábica” ao esforço notável de Freud na escuta paciente e calma dos pacientes que recebe. É claro nas interpretações propícias e adequadas que funcionam como se fossem bilhetes de entrada no inconsciente. Isso ocorre em toda a obra e de vários livros do psicanalista vienense e eu particularmente gosto e recomendo Carl Schorske (1988).

Mas a ideia é buscar um exemplo vivo de como Sigmund Freud desbravou o campo da histeria precisamente no que a aproxima das raízes da linguagem. Tornou-se um amante da Arqueologia, construiu ao longo da vida uma coleção de pequenos objetos antigos, verdadeiros objetos de arte, que acabaram formando uma querida e variada coleção que levou consigo para Londres quando foi expulso de Viena pelos nazistas. Os estudos arqueológicos e linguísticos, por exemplo, costumam assinalar que, na Grã Bretanha antiga estariam as origens de galeses, irlandeses, escoceses, gaélicos, na sua origem céltica comum... Não era apenas uma diversão para Freud, era algo que ele colecionava com carinho e que o deixava em verdadeira reflexão sobre o que apreciava interpretar. Já havia uma Liga Nacional de Arqueólogos, em Londres, e com uma Biblioteca significativa para a nova disciplina que surgia,

Entretanto, aqui trazemos um dos conjuntos de notas escritas que foram recebidas pelo *USA Congress*, gáudio de muitos que se envolviam seja com os distúrbios psicológicos, seja com a linguística, seja com as ciências sociais.

De olho nas relações da linguagem com os processos psíquicos vividos por ele próprio ou por seus pacientes, Freud observa que a histeria pode se apresentar como psicose: “[um dos meus pacientes] que adoeceu com uma briga com seu irmão Richard, exibiu desde então uma aversão patológica a tudo que lhe recordasse o irmão [...] Não queria nem pensar em ficar rico, pois o irmão chamava-se **Richard**. Ele mesmo achava essa compulsão um detalhe ridículo, da semelhança fônica entre palavra e a letra

inicial. Agora, porém, L. Geiger (em) “Origem da Linguagem” mostra que a palavra rico vem da mesma raiz das sílabas dos nomes **Heinrich**, **Friedrich**, **Richard** e no latim **Rex**”.

Observamos a forma como o sentimento de raiva ao irmão chega a ultrapassar a busca seja da riqueza, seja do poder... É um exemplo forte, pois não poderia assim cultivar qualquer expectativa ou esperança.

Reparem a postura de Fernando Diniz: “Mas não consigo ficar nessa incerteza: embebido numa tal tristeza e uma tal situação; por isso mesmo eu vou indo pelos mares em busca de novos ares e de um novo coração”. Ele escapa pela estética e pelo carinho recebido e praticado no Hospital do Engenho de Dentro.

Também denominado como “Neuroses por transferência: uma síntese”, Freud oferece ao *USA Congress*, um ensaio (1915) muito pessoal. Trata-se de um rascunho meta psicológico que vai dialogar com “Totem e Tabu” na busca das origens transferenciais e evolutivas (na perspectiva biológica de Charles Darwin sobre as origens ancestrais da neurose e da psicose num encontro socioantropológico visando uma fantasia filogenética. Tudo isso sem perder de vista os clássicos “O Inconsciente”, “Luto e melancolia” e a própria “Interpretação dos Sonhos”. São veredas para o percurso de um eventual trajeto para se “pescar” a (des)humanidade/inumanidade do humano e transformá-la em humana solidariedade.

Considerações finais

Vejam que, todavia, podemos dar marcha a ré e tentar em voo de pássaro compreender os primórdios da reflexão freudiana sobre a perversão. O perverso apresenta-se para o confronto e luta com relação às normas societárias; a perversão é uma psicopatologia que apresenta um comportamento caracterizado pelo desejo pelas práticas caracterizadas como “fora da curva” no que se refere às normas da sociedade/comunidade. Em princípio, a perversão não é algo trivial, pois não é uma psicopatologia que tenha cura; no entanto, o acompanhamento por um analista pode ser fundamental para só para garantir o bem-estar, mas também certo controle nos sintomas do paciente.

Como um dos últimos continentes a serem colonizados por humanos, questões sobre como e quando as primeiras populações chegaram às Américas, ainda intrigam os cientistas. Um novo estudo genético publicado na terça-feira 10/05/2023 no *Cell Reports*, porém, revela que algumas das primeiras expedições teriam vindo da China, durante duas migrações distintas: a primeira durante a última era glacial e a segunda logo em seguida. Então... o representante-representação, oriundo da combinação entre o representante psíquico e a representação de coisa preexistente, faz com que o representante-representação, seja investido de considerável força econômica, dinâmica e tópica, de energia, enfim.

Referências

- Cerqueira Filho, Gisálio. (1982). *A “Questão Social” no Brasil. Crítica do discurso político*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Schorske, Carl. (1988). *Viena fin-de-siècle. Política e Cultura*, São Paulo, Companhia das Letras, EdUNICAMP.
- Smitis, Ilse Grubrich. (2000). “Introdução”, in Freud, Sigmund. *Neuroses de transferência: uma síntese*, São Paulo, Imago.

Gisálio Cerqueira Filho

 <https://orcid.org/0000-0001-5047-4376>

 <http://lattes.cnpq.br/9669367639065429>

Poeta e escritor. Doutor em Ciência Política Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular de Teoria Política da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pós-doc na BNP, Lisboa, Pesquisador Sênior na Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF) - S.P e atual membro da Comissão de Seleção desta instituição. E-mail: gisalio.cerqueira@gmail.com